



REVELANDO OS BASTIDORES: AS CARTAS CIRCULARES DE DOM HELDER CAMARA E OS CONFLITOS INTERNOS NA CONFERÊNCIA DE PUEBLA (1979)

Rafael Leite Ferreira ¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar, através das “cartas” circulares de Dom Helder Camara, os conflitos entre católicos conservadores e progressistas no interior da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, ocorrida na cidade de Puebla, no México, em janeiro de 1979.

Palavras-chave: Igreja Católica. Modelos eclesiais. CELAM.

1 INTRODUÇÃO

Quanto a mim, só me animo às Circulares que, talvez, um dia, ajudem a interpretar o que se está passando aqui... (D. Helder Camara).

O arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Camara, revelou-se, em todas as reuniões, conferências e encontros em que esteve presente, um indivíduo ativo, influente e bastante crítico. De acordo com Luiz Carlos Luz Marques (1998), embora, em algumas ocasiões, Dom Helder atuasse nos bastidores – como ocorreu, por exemplo, durante o Concílio Vaticano II (1962-1965) –, sua presença sempre se fazia notar.

Dom Helder, durante toda a sua vida adulta, manteve um rígido costume de dedicar, durante a madrugada, cerca de três horas para reflexão, oração, confecção de discursos e obras, idealização de projetos etc. Nessas horas, chamadas de “vigílias diárias”, Dom Helder redigia importantes cartas circulares (como se fossem um diário) das atividades exercidas no dia, planos futuros, confissões, entre diversas

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco e licenciado em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Integrante do Grupo de Pesquisa “Poder e relações sociais no Norte e Nordeste” (CNPq). Assessor da Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Camara (CEMVDHC).

outras temáticas, dirigidas, em sua grande maioria, a seus amigos do Rio de Janeiro, carinhosamente denominados de “Família Mecejanense”.

Durante o período em que participou da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em 1979, na cidade de Puebla, no México, Dom Helder escreveu 21 cartas circulares, no total de 65 preciosas páginas, revelando-nos importantes questões dos bastidores do encontro, especialmente aquelas que se referem ao acirrado conflito interno entre católicos “progressistas” e “conservadores”.

A seguir, apresentamos os momentos-chave da participação do episcopado e dos peritos na preparação e no desenvolvimento do encontro de Puebla, tendo como “fio condutor” o “olhar” privilegiado de uma das grandes personalidades da Igreja Católica no século XX, o emérito arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Pessoa Câmara.

2 A PREPARAÇÃO DA CONFERÊNCIA

No final da XVI Assembleia Plenária Anual da Pontifícia Comissão para a América Latina (CAL), realizada em Porto Rico, em 1976, foi decidida a realização da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano para o ano de 1978, em Puebla.

A partir dessa divulgação, iniciaram-se, em diversas dioceses, especialmente aquelas que continham um bom número de religiosos progressistas, dezenas de reuniões e confecções de textos preparatórios a fim de subsidiar o referido encontro. Segundo José Oscar Beozzo, o setor progressista da Igreja Católica recebeu com enorme entusiasmo a notícia da realização do encontro em Puebla. Para esse setor, mais do que ratificar as posições avançadas da Igreja Católica na II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Medellín, na Colômbia, em 1968, o encontro de Puebla deveria ampliar essas perspectivas, envolvendo toda a comunidade religiosa em um rol muito maior de assuntos, desde a situação da mulher na sociedade até a ideologia, regimes de força, sacerdócio, sexo, problemas de doutrina e de pastoral.

Diante do imenso otimismo dos progressistas em relação à realização da III Conferência do CELAM, pode-se dizer que o período de sua preparação foi, de fato, bastante intenso:

Muito mais do que em Medellín, a preparação para Puebla vem envolvendo toda a Igreja no continente, de grupos de base aos institutos de teologia e universidades, além de ter empenhado bispos e cristãos comprometidos num estudo sério do documento de base. As propostas que muitos episcopados estão levando a Puebla são frutos desta mobilização mais ampla (BEOZZO, 1994, p. 136).

No entanto, apesar de tanto otimismo, em pouco tempo, a tendência conservadora se fez presente na fase preparatória de Puebla. Pode-se afirmar que o primeiro golpe recebido pelo setor progressista ocorreu com a divulgação, no início de 1977, do “Documento de Consulta de Puebla”, chamado à época de “livro verde” por razão de sua capa, produzido pelos bispos da alta cúpula do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). Esse texto, segundo o CELAM, deveria ser o principal documento preparatório do encontro de Puebla. Apesar de Dom Aloísio Lorscheider, presidente da entidade, ter destacado, na carta de apresentação, o caráter preliminar do Documento de Consulta, os setores progressistas receberam tal documento como excessivamente retórico e sem uma proposta de renovação para o catolicismo latino-americano.

É importante ressaltar que essa posição (conservadora) do CELAM diante da Conferência de Puebla se coadunava perfeitamente à posição que esse órgão vinha assumindo desde a famosa eleição de 1972, na qual Dom Alfonso López Trujillo, bispo conservador colombiano, conquistou a secretaria-geral e iniciou uma forte campanha para reverter o “espírito (subversivo) da Conferência de Medellín”. Como destacou, por exemplo, Scott Mairinwaring: “Desde o encontro de Medellín, em 1968, o CELAM tem exercido considerável influência sobre a Igreja latino-americana, primeiramente encorajando algumas inovações e, após 1972, tentando limitá-las” (MAIRINWARING, 2004, p. 31).

Essa campanha contra a renovação da Igreja, especialmente de inibição da expansão da Teologia da Libertação, não ficou restrita à América Latina. Como ressaltou José Oscar Beozzo, ela fez parte de uma articulação internacional:

Num “Memorandum”, assinado por mais de cem teólogos da República Federal da Alemanha, tendo à frente Karl Ranher, J. B. Metz, H. Vorgrimler, N. Greinacher, W. Dirks, de novembro de 1977, denuncia-se a Campanha contra a Teologia da Libertação [...]. Esta campanha parte do Pe. Vekemans, sacerdote belga, diretor do CEDIAI (Centro de Estudios para el Desarrollo y Integreción en América Latina) do “Circulo de Estudios Iglesia y Liberación”, nascido em 1973 [...]. Esta campanha organizada contra a Teologia da Libertação, na qual **toma parte o próprio secretário-geral do**

CELAM, Dom Lopes Trujillo, encarregado da preparação de Puebla, não deixa de causar inquietação e de ser uma sombra nesta preparação para Puebla (BEOZZO, 1994, p. 138-139, grifo do autor).

No que se refere ao Documento de Consulta de Puebla, Francisco Antônio de Andrade Filho (1982, p. 61) salientou que ele não nasceu da consciência crítica da situação latino-americana e nem se dirigiu a ela no intuito de iluminá-la e criticá-la como fizeram os bispos em Medellín no ano de 1968. Tal Documento situa-se em um nível mais doutrinal, dogmático, apresentando uma série de afirmações teológicas comuns, cuidando de evitar, assim, assumir posições mais críticas, questionantes, inspiradoras de uma práxis.

O Documento de Consulta passou, ao longo de 1977, por uma rigorosa crítica de diversos religiosos e auxiliares e suas retificações e comentários foram remetidos ao CELAM com o objetivo de serem acrescidas ao Documento de Trabalho que nortearia os trabalhos de Puebla. No Brasil, por exemplo, a CNBB “Incentivou a participação do povo na preparação de Puebla através de uma campanha de orações e contínuas informações através dos Meios de Comunicação Social e de conferências e homilias” (CNBB, 1978, p. 46).

Somente para ilustrar um caso específico, a CNBB realizou em Itaipava (SP), entre os dias 18 e 25 de abril de 1978, uma Assembleia Geral Extraordinária, com o objetivo de discutir o encontro de Puebla. O resultado do encontro foi um documento, de caráter progressista, intitulado “Subsídios para Puebla”, que foi remetido à Secretaria-Geral do CELAM. A citação a seguir mostra, de uma maneira geral, o objetivo que balizou o documento “Subsídios para Puebla”: “Que o grande acontecimento de Puebla não sirva apenas para uma rica troca de experiências pastorais e para a elaboração de um documento, mas para a realização de alguns gestos que só no contexto da Assembleia podem ganhar toda a sua grandeza” (CNBB, 1978, p. 48).

O envolvimento e o otimismo de setores da Igreja brasileira na fase de preparação do encontro de Puebla foi tão grande que levou, por exemplo, José Oscar Beozzo a afirmar: “Nesse sentido, podemos quase dizer que, independentemente dos resultados do encontro, Puebla já aconteceu em milhares de Comunidades e grupos e na própria vida da Igreja latino-americana” (BEOZZO, 1994, p. 136).

O CELAM formou um pequeno grupo, que se reuniu em julho de 1978, com a finalidade de ler os comentários feitos pelos bispos latino-americanos ao Documento de Consulta e de redigir o Documento de Trabalho de Puebla. Com a morte do papa Paulo VI, em 6 de agosto de 1978, a divulgação do Documento de Trabalho foi suspensa. Com a posse de João Paulo I e da sanção da Conferência para o mês de outubro daquele ano, divulgou-se, então, o Documento para conhecimento. Havia uma forte hipótese durante esse período que o CELAM divulgara o Documento de Trabalho tardiamente – apenas dois meses antes da abertura da Conferência – com o objetivo de inibir estudos, críticas e maiores discussões ao teor do texto.

No entanto, assim como destacou Gabriel García Márquez (2000, p. 166) em seu conto sobre a *Sta. Sofia de La Piedad*, na Conferência de Puebla também “o tempo acabou por desarrumar as coisas”. Isto é, com a inesperada morte do papa João Paulo I, no dia 28 de setembro (33 dias depois de eleito) e a suspensão da realização do encontro de Puebla, o tiro do CELAM saiu pela culatra e os bispos e auxiliares progressistas tiveram maior tempo para leitura (crítica) do Documento de Trabalho.

O recém-empossado João Paulo II decidiu não postergar a Conferência e convocá-la para o mês de janeiro de 1979. Segundo João Batista Libânio (1986, p. 56), essa decisão do papa teve, principalmente, duas questões envolvidas: primeiro, de ordem econômica, pois a Conferência já tinha a infraestrutura montada e qualquer adiamento significaria enorme desperdício de energias e de dinheiro; segundo, de ordem ideológica, pois o CELAM (responsável pelo evento) estava nas mãos dos conservadores e adiar o encontro significaria que ele iria realizar-se depois das eleições da nova presidência do CELAM, previstas para março de 1979.

A referência que fazemos a essa fase preparatória do encontro de Puebla nos parece essencial não apenas para que se compreendam as diferenças de posicionamentos dentro da Igreja Católica, ou seja, a disputa entre progressistas e conservadores para “controlar” a reunião, mas, principalmente, para que se perceba a orientação do CELAM, respaldada pela Santa Sé, em controlar o progressismo no interior da Igreja, procurando não repetir ou refutar as posturas assumidas em Medellín.

3 O DESENVOLVIMENTO DA CONFERÊNCIA

A abertura da III Conferência Episcopal Latino-Americana ocorreu no sábado, dia 27 de janeiro, na Cidade do México, durante a concelebração realizada pelo papa João Paulo II, na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, com a participação de milhares de pessoas. No domingo, a Assembleia transferiu-se para a cidade de Puebla.

Na mensagem de abertura da Conferência, João Paulo II enfatizou, em diversas passagens, o caráter essencialmente “religioso” do encontro: “A grande assembleia que se abre é, com efeito, em sua essência mais profunda, uma **reunião eclesial** [...]” (CELAM, 1986, p. 13, grifo nosso). Nessa mesma mensagem, percebe-se ainda uma forte crítica à Teologia da Libertação, como se pode ver no trecho a seguir:

[...] correm hoje em muitas partes – o fenômeno não é novo – “releituras” do Evangelho, resultado de especulações teóricas, mais que de autêntica meditação da palavra de Deus [...]. Elas causam confusão ao afastar-se dos critérios centrais da fé da Igreja [...]. Em alguns casos ou se silencia a divindade de Cristo, ou se incorre de fato a formas de interpretação contrárias à fé da Igreja. Em outros casos se pretende mostrar Jesus como comprometido politicamente [...]. Esta concepção de Cristo como político, revolucionário, como o subversivo de Nazaré, não se coaduna com a catequese da Igreja. [...] Não aceito a posição daqueles que misturam as coisas de Deus com atitudes meramente políticas. [...] Contra tais “releituras”, pois, e contra suas hipóteses brilhantes, talvez, mas frágeis e inconsistentes, que delas derivam. “A evangelização no presente e no futuro da América Latina” não pode cessar de afirmar a fé da Igreja [...] (CELAM, 1986, p. 16-17).

Ao analisar o sentido desse discurso proferido por João Paulo II, João Batista Libânio argumentou:

Os textos do papa na inauguração da Conferência e durante sua viagem pelo México já anunciavam qual seria a marca de seu pontificado. De um lado, afirmavam, com insofismável clareza, a gravidade da problemática social do continente, manifestando reservas críticas às ideologias vigentes [...]. De outro lado, refletiam receios e temores diante de posições teológicas e, especialmente eclesiológicas, que ameaçam as estruturas eclesiais vigentes (CELAM, 1986, p. 128).

É importante ressaltar que esse ataque de João Paulo II à Teologia da Libertação em sua homilia não era inédito. Como destacou a revista *VEJA*, de 31 de

janeiro de 1979, em diversos momentos, durante o seu voo (entre assessores, comitiva e jornalistas) de Roma para a América Latina, o papa teceu duras críticas à excessiva “politização do clero católico”, que pelo uso do marxismo estava tendo uma visão deturpada da Igreja Católica.

Dos 22 países que mandaram delegação para participar da Conferência, o Brasil representou a de maior número, dispondo de 37 delegados com direito a voto². Apesar dessa quantia, José Oscar Beozzo ressaltou que foi de lamentar que:

[...] do Brasil, homens [progressistas] como Dom Tomás Balduino, presidente do CMI, Dom Luiz Fernandes, de Vitória, ligado às comunidades de base, deixem de ir a Puebla. Tratando-se de evangelização, o desafio histórico mais importante para a Igreja na América Latina foi e continua sendo o das populações negras aqui trazidas como escravas. É de se lamentar também que Dom José Maria Pires, arcebispo de Paraíba e único arcebispo negro do Brasil, não tenham sido indicados para Puebla por seus pares (BEOZZO, 1994, p. 142).

Um dos brasileiros eleitos para participar do evento foi o arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Camara³. Participante ativo e crítico de todas as fases do evento, como já foi ressaltado, as suas cartas circulares escritas à “Família Mecejanense” em suas vigílias diárias são uma importante fonte de pesquisa para a compreensão dos bastidores e dos pontos sensíveis da Conferência de Puebla. Em sua 2ª carta circular, escrita na madrugada de sábado, dia 27, após o pronunciamento de João Paulo II, Dom Helder teceu, por exemplo, importantes comentários sobre a mensagem do papa:

[...] Repete-se o que se passou na Colômbia com Paulo VI: – o Santo Padre Paulo VI falou 18 vezes em Bogotá. A Imprensa Colombiana, ainda mais reacionária do que a Imprensa Brasileira, destacou palavras ou frases do Papa, deixando-nos a impressão de que todas as portas e janelas estavam fechadas.

² A saber, países participantes e número de delegados com direito a voto na Conferência de Puebla: Antilhas (4 delegados); Argentina (16 delegados); Bolívia (5 delegados); Brasil (37 delegados); Colômbia (14 delegados); Costa Rica (1 delegado); Cuba (1 delegado); Chile (6 delegados); Equador (6 delegados); São Salvador (1 delegado); Guatemala (3 delegados); Haiti (1 delegado); Honduras (1 delegado); México (17 delegados); Nicarágua (1 delegado); Panamá (2 delegados); Paraguai (2 delegados); Peru (10 delegados); Porto Rico (1 delegado); República Dominicana (2 delegados); Uruguai (2 delegados); Venezuela (6 delegados) e Nomeados pelo papa (12 delegados). Cf. (Folha de S. Paulo, 26 jan. 1979).

³ Descrevendo a chegada da delegação brasileira para a Conferência, os enviados especiais da Folha de S. Paulo escreveram o seguinte sobre Dom Helder: “No aeroporto, o mais cumprimentado foi o arcebispo de Olinda e Recife, dom Hélder Câmara, que também atraiu as atenções de todos os jornalistas mexicanos que cobriam a chegada das delegações brasileiras e panamenha” (Ibid., p. 6).

O Santo Padre na Catedral do México [...] chega a dizer que a Igreja não nasce do povo. Esta palavra vai ser muito explorada. Do povo sozinho, claro que não. Do povo, sob a ação do Espírito Santo, é diferente. Há, também, afirmações dele contra a Teologia da Libertação, afirmações que irão dar trabalho (2ª CARTA circular de D. Helder Camara, 26/27 de janeiro de 1979).

Na madrugada do domingo, já na cidade de Puebla, Dom Helder, ao escrever suas cartas circulares, teceu os seguintes comentários sobre o pronunciamento do papa João Paulo II na abertura do encontro:

Tivemos um Domingo cheio de fortes emoções, de grandes sofrimentos, e de mediante ajuda divina. As emoções fortes vieram do exemplo admirável de fé e de paciência dado pelo nosso povo. [...] E os grandes sofrimentos, donde vieram? Da sessão de abertura do Encontro de Puebla, do discurso do Santo Padre. Analisando a frio, o discurso:

– embora com elogios aos povos da América Latina à nossa fé, ignora totalmente, realidades admiráveis que são a nossa riqueza, como as Comunidades de base;

– em toda a 1ª parte, dirigidas aos bispos como Mestres da Verdade, há alertas terríveis a propósito de Cristo, da Igreja e do Homem.

Claro que eu sei que, sobretudo no México, na América Latina, um pouco na América do Sul, aqui e ali no próprio Brasil, houve derrapagens na doutrina.

Mas falou em Magistérios paralelos atingiu de cheio, a CLAR (Conferencia Latino-Americana de Religiosas) e teólogos, que estão tentando esforços sinceros para interpretar, teologicamente, nossa experiência de vivência do Vaticano II e de Medellín.

– Avisos como este, e a propósito de Igreja que nasce do Povo, e de releituras da Sagrada Escritura podiam e deviam ser dados, mas com um enfoque de quem não condena a todos e a tudo...

A 2ª parte melhorou um pouco e a 3ª parte “Defensores e promotores da dignidade” deixou-nos respirar. Bom rigor pode até salvar a terrível 1ª parte (4ª CARTA circular de D. Helder Camara, 28/29 de janeiro de 1979).

Em outra parte da mesma circular, Dom Helder fez comentários iluminadores sobre os bastidores da Conferência. Novamente, ele voltou à questão da homilia papal, revelando-nos a importância/peso que as palavras de João Paulo II (maior autoridade da Igreja) tiveram durante o encontro. É de se imaginar, que no âmbito do respeito à hierarquia, as palavras do papa de combate à “politização” da instituição foram decisivas na hora de os bispos definirem suas linhas ideológicas e teológicas. De fato, para a corrente progressista, a fala de João Paulo II foi um duro golpe. Outro aspecto que fica implícito na circular, entre a conversa de Dom Helder e Dom Alfonso Trujillo é a disputa existente entre progressistas e conservadores sobre os rumos da Conferência de Puebla. Nas palavras de Dom Helder:

[...] Assim que saímos do Auditório, o Secretário-Geral [Dom Alfonso Lopez Trujillo, conhecido conservador] apressou-se em perguntar, minha opinião: [...] Sem perda de tempo, nos articulamos:

– (em linguagem de *Far West*) “não entregar o ouro aos bandidos”, isto é, não darmos à impressão de termos sido atingidos pelas palavras do Papa.

Pessoalmente, não há nada que me atinja. Com o discurso do papa ontem, eu me arranjo otimamente.

– nossa combinação é valorizar ao máximo a 3ª parte e algumas frases perdidas da 1ª e da 2ª partes. A 3ª parte, iluminando a 1ª, a salva bastante.

– se consideramos lastimável que ele não tenha ido muito mais longe ao tocante à propriedade, nos tentou apresentar o que ele disse como atingindo apenas a propriedade individual e não a propriedade industrial...

[...] Não retiro em nada meu entusiasmo para João [Paulo II]. Claro que junto a ele, como junto a qualquer papa, cabe-nos o direito e o dever de exercer a Colegialidade de Episcopado, aprovando-o, completando-o. Ele tem qualidades admiráveis. Quem é prefeito? (4ª CARTA circular de D. Helder Camara, 28/29 de janeiro de 1979)⁴.

Como já foi ressaltado, em Puebla, uma das temáticas mais recorrentes (se não a mais importante!) foi a Teologia da Libertação. Nas palavras, por exemplo, de Dom Helder: “Depois do Discurso do Santo Padre, a turma conservadora, queria que nem se tocasse em educação libertadora e em teologia da libertação, ou queria que se falasse, mas para condenar, abertamente...” (10ª CARTA circular de D. Helder Camara, 03/04 de fevereiro de 1979). Enquanto que, para os progressistas (minoridade na Conferência), os principais fundamentos da Teologia da Libertação deveriam estar presentes no Documento de Puebla, para os conservadores, tal teologia deveria ser descartada uma vez que ela levava para essa Conferência uma excessiva e desnecessária “politização” da Igreja. Na luta de forças entre essas duas correntes, o posicionamento dos conservadores ditou os rumos do Documento Final de Puebla. Como argumentou Bernstein e Politi: “[...] se desenrolava uma verdadeira luta política e, dessa vez pelo menos, os rótulos de ‘progressista’ e ‘conservador’ realmente eram adequados” (BERNSTEIN; POLITI, 1996, p. 2005).

É importante aqui ressaltar a sistemática “perseguição” sofrida por bispos e, principalmente, assessores (peritos) adeptos, ou mesmo simpatizantes, da Teologia da Libertação. Em 10 de fevereiro, o Secretário-Geral do CELAM, Dom Alfonso Trujillo, flagrou Dom Evaristo Arns (progressista, arcebispo de São Paulo) sendo

⁴ A título de elucidação, é importante destacar que o discurso do papa na abertura da Conferência foi dividido em quatro partes. Foram elas: I – Mestres da verdade; II – Sinais e construtores da unidade; III – Defensores e promotores da dignidade humana; IV – Algumas tarefas prioritárias.

assessorado por Leonardo Boff e Jon Sobrino – teólogos conhecidíssimos de pensamento progressista – ordenou a saída dos dois e mandou reforçar a segurança do evento, proibindo inclusive que qualquer documento fosse passado para dentro do evento por qualquer pessoa (BETTO, 1979, 110).

Essa perseguição em Puebla aos teólogos progressistas pode ser vista também nas seguintes palavras do sociólogo ligado à Teologia da Libertação, Luiz Alberto Gómez de Souza, que foi assistente do salvadorenho Dom Oscar Romero, mártir assassinado em 1980 pela ditadura instalada em seu país no ano de 1979:

Houve um filtro de segurança cuidadoso para evitar a presença, no recinto da reunião, de assessores embaraçosos para os que queriam controlar os resultados. Mas um bom número de teólogos, sociólogos, educadores, cientistas políticos, dirigentes de movimentos eclesiais, nos encontramos na cidade mexicana, “do lado de fora”. Trabalho intenso. Numerosos bispos saíam das sessões e, à tarde, se reuniam com esses assessores externos e oficiosos (SOUZA, 2004, p. 91).

Dom Helder ressaltou essa perseguição em duas cartas circulares. Na primeira destacou “[...] Continuam algumas notas muito negativas, que ainda não conseguimos vencer: em Puebla, proibidos de entrar onde nós estamos vários dos melhores teólogos da América Latina, inclusive os que fizeram Medellín” (5ª CARTA circular de D. Helder Camara, 29/30 de janeiro de 1979). Na segunda circular, Dom Helder desabafou: “Hoje, se Deus quiser, irei jantar com os nossos Teólogos. Chamo de nossos Teólogos, um grupo de 1ª classe (Leonardo Boff, Comblin, Gorgulho, Gutierrez e outros desta parte) impedido, abusivamente, não só de participar do nosso Encontro, mas até de entrar no Seminário...” (8ª CARTA circular de D. Helder Camara, 01/02 de fevereiro de 1979). Mesmo ficando de fora do local da reunião, os peritos brasileiros (teólogos, assessores e agentes pastorais) não ficaram parados. Nas palavras de Frei Betto: “Estivemos juntos em Puebla, no México, na Conferência episcopal latino-americana de 1979, eu, do lado de fora, em companhia de duas dezenas de teólogos da libertação; ele, do lado de dentro, repassando nossos subsídios aos bispos e, deles, às comissões e aos textos” (BETTO, 2000, p. 50).

É importante aqui ressaltar que, apesar de sistemática perseguição, os peritos progressistas tiveram um importante papel nos trabalhos de Puebla. Este fato foi ressaltado, por exemplo, pelo Pe. José Marins:

Creio que os [...], os teólogos tiveram um grande papel na divulgação, aprofundamento e vivência de Medellín e de Puebla. Algo que deve ser sublinhado em relação a ambas assembleias é que elas não ficaram unicamente nas mãos dos bispos e dos organismos oficiais da Igreja, mas por graça e esforço dos mencionados acima chegaram a ser dinamismo do próprio povo cristão (BEOZZO, 1994, p. 193).

Essas colocações do Pe. José Marins foram também corroboradas por Dom Helder:

[...] Neste meio tempo, os nossos Teólogos vão recebendo cópias de tudo e procurando, com um máximo de boa vontade, ajudar-nos a ir construindo o famoso e esperado Documento de Puebla. [...] Cheios de fé. Decididos a ajudar-nos, ao máximo, sem aparecer. É verdade que Frei Beto já acertou com a Editora Nacional publicasse, imediatamente após Puebla, um livro a que pretende dar o nome de Diário de Puebla. Ontem à noite, tentei desiludi-lo de publicação tão apressada. Ele está sereno, mas firme na decisão de publicar o livro (9ª CARTA circular de D. Helder Camara, 01/02 de fevereiro de 1979).

Em uma de suas cartas circulares, Dom Helder, descrevendo sobre a divisão dos trabalhos na Conferência, mostra-nos a luta interna entre progressistas e conservadores. Na carta, percebe-se a clara estratégia dos progressistas de se distribuírem entre as 21 Comissões de estudo existentes em Puebla de tal modo que, em cada Comissão, houvesse sempre a presença de, no mínimo, um progressista.

Quando D. Luciano Duarte [bispo sergipano, notório conservador] se inscreveu em Evangelização e Promoção Humana, meio brincando, meio-sério eu disse: “Então, também vou neste” todos riram, a começar por D. Luciano. Graças à Graça Divina, vivemos em clima em que cada um tem confiança de dizer seu pensamento inteiro, na certeza de ser respeitado. Claro que **divergíamos e peleamos**, mas como Irmãos (7ª CARTA circular de D. Helder Camara, 31 de jan. / 01 de fev. de 1979, grifo nosso).

No dia 13 de fevereiro de 1979, dezoito dias depois de reunidos, os bispos trouxeram a público o Documento Final de Puebla. No geral, o sentimento, à época, foi de um documento demasiadamente longo – que incluiu mais de mil parágrafos –, vago e de qualidade desigual. Como destacou Clodovis Boff:

Com efeito, em pouco mais de duas semanas não era possível tratar a contento o extenso temário proposto. E isso levou a montar uma dinâmica de trabalho que visava à eficiência no preenchimento daquela tarefa. Em consequência se privilegiem os trabalhos em equipe e não em plenário. Isso resultou na impossibilidade de se

chegar a uma síntese densa e homogênea dos resultados discutidos (BOFF, 1990, p. 3).

Como vimos ao longo deste artigo, através das cartas circulares escritas diariamente por Dom Helder Camara, a III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano abrigou pessoas de tendências as mais diversas. Como resumiu o arcebispo de Olinda e Recife: de um lado, estavam grupos de bispos que, como Dom Oscar Romero, achavam que “Puebla não deveria ser um retrocesso às posições progressistas de Medellín”; de outro, infelizmente, encontravam-se aqueles que, incentivados pelo severo recado antiesquerdista disparado pelo papa João Paulo II na abertura do evento, combatiam aquilo que consideravam a “excessiva politização” do clero católico.

REVEALING THE BACKSTAGES: THE CIRCULAR LETTERS OF DOM HELDER CAMARA AND THE INTERNAL CONFLICTS IN PUEBLA CONFERENCE (1979)

Abstract

This article want to analyze, through circular letters of Dom Helder Camara, the conflicts between Catholics conservatives and progressists in the interior of the Third General Conference of the Latin-American Episcopate, held in city of Puebla, Mexico in the january of 1979.

Keywords: Catholic Church. Ecclesiastical models. CELAM.

REFERÊNCIAS

A primeira advertência. **VEJA**. São Paulo, n. 543, p. 31, jan. 1979.

ANDRADE FILHO, Francisco Antônio de. **Igreja e ideologias na América latina, segundo Puebla**. São Paulo: Paulinas, 1982.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BERNSTEIN, Carl; POLITI, Marco. **Sua Santidade: João Paulo II e a história oculta do nosso tempo**. São Paulo: Ed. Objetiva. 1996.

BETTO, Frei. **Diário de Puebla**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. In: ROCHA, Zildo (Org.). **Helder, o Dom**: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BOFF, Clodovis. **Introdução à leitura das conclusões de Puebla**. Petrópolis: Vozes, 1990.

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Subsídios para Puebla**. São Paulo: Paulinas, 1978.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. 48. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LIBÂNIO, João Batista. Introdução. In: CELAM. **Evangelização no presente e no futuro da América Latina**: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

MAIRINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MARQUES, Luiz Carlos Luz. **Il Carteggio conciliare di mons. Helder Pessoa Camara**. 1998. 855 f. Tese (Doutorado em História Religiosa), Universidade de Bolonha, Itália, 1998.

Puebla reafirma Medellín, dizem bispos brasileiros. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 26 jan. 1979. Exterior, p. 6.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de Souza. **Do Vaticano II a um novo concílio?** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

2ª CARTA circular de D. Helder Camara, 26/27 de janeiro de 1979. Documentos do CEDHOC – Recife.

4ª CARTA circular de D. Helder Camara, 28/29 de janeiro de 1979. Documentos do CEDHOC – Recife.

5ª CARTA circular de D. Helder Camara, 29/30 de janeiro de 1979. Documentos do CEDHOC – Recife.

8ª CARTA circular de D. Helder Camara, 01/02 de fevereiro de 1979. Documentos do CEDHOC – Recife.

9ª CARTA circular de D. Helder Camara, 01/02 de fevereiro de 1979. Documentos do CEDHOC – Recife.

10ª CARTA circular de D. Helder Camara, 03/04 de fevereiro de 1979. Documentos do CEDHOC – Recife.